

Autor:

Mariana Leite

mariana0leite@gmail.com

Título:

Mutações do Império: sobre as facetas de Troia na obra e legado de Pedro de Barcelos

Resumo:

Na obra historiográfica de D. Pedro Afonso, conde de Barcelos, reserva-se um espaço importante para narrativas de pendor universal. Com efeito, tanto no seu *Livro de Linhagens* como na sua *Crónica de 1344*, começa por apresentar-se uma história do mundo desde a criação até ao presente da escrita, expondo paralelamente a história sagrada e a profana, o que de resto é prática corrente na escrita historiográfica medieval. O Conde, no entanto, inova ao dar tão pouco destaque a um dos temas basilares da historiografia e literatura europeias da época: a história da guerra e destruição de Troia.

No presente artigo, inquirimos as manifestações de matéria troiana na obra de D. Pedro, procurando averiguar como é que estas se articulam com a mundividência política e ética do Conde.

Palavras-chave:

Pedro de Barcelos; *Livro de Linhagens*; *Crónica de 1344*; historiografia universal medieval; matéria troiana.

Abstract:

The historiography produced by Pedro Afonso, Count of Barcelos, reserves an important space for universal history. Both his *Livro de Linhagens* and his *Crónica de 1344* begin, indeed, with a presentation of the history of the world from the Creation to the present moment, presenting sacred and pagan history side-by-side, as it was common in medieval chronicles. Yet, the Count innovates by giving very little attention to one of the elemental subjects of European historiography and literature of his time: the history of the war and destruction of Troy.

In the present article, I enquire the manifestations of Trojan matter in Pedro of Barcelos' work in order to ascertain how these manifestations agree with the Count's political and ethical worldview.

Keywords:

Pedro de Barcelos; *Livro de Linhagens*; *Crónica de 1344*; medieval universal historiography; Trojan matter.

Plano:

Troia no Livro de Linhagens

Troia na Crónica de 1344

Conclusões

Como citar este artigo:

Mariana Leite, «Mutações do Império: sobre as facetas de Troia na obra e legado de Pedro de Barcelos», *Guarecer. Revista Electrónica de Estudos Medievais*, nº 3, 2018, pp. 37-55. DOI: 10.21747/21839301/gua3a2

MUTAÇÕES DO IMPÉRIO: SOBRE AS FACETAS DE TROIA NA OBRA E LEGADO DE PEDRO DE BARCELOS¹

Mariana Leite
SMELPS/ IF / FCT – Projeto MELE
Universidade do Porto

Ainda que sendo, a par da *Bíblia* e da história de Alexandre Magno², uma das matérias mais difundidas ao longo da Idade Média europeia, a história de Troia está surpreendentemente ausente da literatura portuguesa medieval. Tal ausência torna-se mais notória quando se compara o caso português com Castela – onde, desde o *Libro de Alexandre*³, o gosto pela matéria troiana se encontra suficientemente registado – ou, ainda mais, com os meios galegos, onde a circulação de histórias troianas em galego-português⁴ desde o século XIV⁵ corrobora o interesse pelo tema. Reveste-se, por isso, de maior interesse o facto de a obra de Pedro de Barcelos ser uma das raríssimas ocasiões onde, no Portugal trecentista, se menciona a história de Troia.

Com efeito, quer no *Livro de Linhagens (LL)*⁶, quer na *Crónica de 1344 (Cr1344)*⁷, encontramos alusões aos feitos troianos que revelam um conhecimento da matéria. No

¹ Este trabalho foi elaborado no âmbito do projecto MELE (Da Memória Escrita à Leitura do Espaço, POCI-01-0145-FEDER-032673), co-financiado pelo Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI) através do Portugal 2020 e do Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER), e por fundos nacionais através da FCT-Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

² Vejam-se os estudos compilados por Gaullier-Baugassas (2014).

³ Casas Rigall (2014). Sobre a datação e eventuais destinatários do *Libro de Alexandre*, ver Arizaleta (1999, pp. 259-260).

⁴ «Posiblemente a finales del siglo XIII o principio del XIV se tradujo al portugués (menos probablemente al gallego) el *Roman de Troie* (Constans, ed., 1904-1912), escrito por Benoît de Sainte-Maure entre 1155 y 1165» (Lorenzo, 2002, p. 108). Sugere-se assim que o texto francês possa ter sido traduzido, juntamente com os diversos romances arturianos franceses que chegaram a Portugal, «a través del *Camino de Santiago* o de la corte portuguesa» de Afonso III» (Lorenzo, 2002, p. 107).

⁵ Considera-se aqui não só a já referida *Crónica Troiana* (Lorenzo, ed., 1985) mas também a *Historia Troyana* polimétrica (Parker, 1975; Lorenzo, 1982; Pichel Gotérrez, 2013) e, ainda, a tradução galega da *General Estoria* (Martínez Lopez, 1963; Lorenzo e Couceiro, 1999). A este respeito, veja-se Lorenzo (2002) e Pichel Gotérrez (2012).

⁶ Editado por Mattoso (ed., 1980).

⁷ As edições de Cintra (ed., 1951-1990), Catalán & Andrés (ed., 1971) e Vindel (ed., 2016) são as mais pertinentes para este trabalho.

entanto, ao analisar estas passagens “troianas” da obra de D. Pedro, é necessário acautelarmo-nos no que respeita quer à complexa história de transmissão manuscrita dos textos, quer às peculiaridades das estratégias de exposição da matéria adotadas pelo Conde⁸. Sobre o primeiro aspeto, assinalamos que não só não existem testemunhos coevos dos escritos historiográficos de Pedro de Barcelos, como as versões que nos chegaram – tanto da crónica como do nobiliário – foram objeto de diversas reformulações que, como veremos para a *Cr1344*, afetam grandemente as secções sobre história antiga que aqui cabe avaliar.

Apesar de o texto que nos chegou de *LL* ter sido alvo de várias alterações posteriores à morte do Conde, estas concentram-se sobretudo na reescrita da história de determinadas linhagens⁹, nada indicando que tenham afetado os capítulos iniciais – sobre história antiga – onde surgem as alusões a Troia. Tal ponto de partida permite, como veremos melhor adiante, que se leia a matéria troiana apresentada no *LL* como mais próxima dos propósitos historiográficos de Pedro de Barcelos.

Por seu lado, a *Crónica de 1344* sofreu uma profunda reformulação *circa* 1400¹⁰, tendo assim circulado duas versões que foram, desde muito cedo, recebidas e traduzidas em meios castelhanos¹¹. Ocorre que o testemunho, já do século XV, que apresenta um texto mais próximo da redação do Conde seja uma tradução para Castelhano – o manuscrito da Biblioteca Universitária de Salamanca 2656, ou *M*¹². O mais completo e mais antigo testemunho português sobrevivente, datado do início do

⁸ Em lugar da linearidade, é uma estrutura de tipo tridimensional que «a Crónica do Conde parece projetar, fazendo convergir as suas circunvoluções – espiras temporais mais ou menos fragmentadas, mais ou menos compósitas, mais ou menos densas – no centro do vórtice: a batalha de Tarifa» (Ferreira, 2016, p. 29). Esta estratégia, que se torna particularmente notória na secção inicial da *Cr1344* (54 primeiros fólhos de *M*), colide com a exposição diegética linear típica dos textos historiográficos de natureza cronística. Conferindo a esta obra de D. Pedro uma estrutura complexa que dificulta a compreensão e interpretação do texto, a exposição não linear das matérias será, pelo menos em parte, responsável pela profunda reformulação sofrida pela crónica, e de que se falará adiante. Além do artigo citado, o tema é também explorado em Miranda & Ferreira (2015).

⁹ Mattoso (ed., 1980, pp. 40-50).

¹⁰ As alterações fundamentais sofridas pela secção inicial da *Cr1344* em consequência desta reformulação foram estudadas na introdução à edição por Cintra (ed., 1951, pp. XXXIX-XL) e em Catalán (1962), sendo posteriormente exploradas em maior detalhe pela crítica, como veremos abaixo. Para uma perspetiva recente da difusão manuscrita da obra, ver Moreira & Askins (2015, pp. 64-79).

¹¹ Este fenómeno é documentado pelos testemunhos castelhanos da 2ª redação da *Cr1344* que baseiam a edição de Ferreira *et al.* (ed., 2015), preparada no âmbito do projeto «Pedro de Barcelos e a monarquia castelhano-leonesa. Edição e estudo da secção final da *Crónica de 1344* (XPL/CPC-ELT/1300/2013)». Ver, em particular, Ferreira (2015).

¹² Este manuscrito é a base da edição da secção inicial da crónica (profundamente alterada pela reformulação de c. 1400) elaborada por Catalán e André (1971). Além deste testemunho, existe ainda um fragmento preservado na Biblioteca del Escorial – Escorial &-II-1, ou *E*. A secção de *M* que contém a história da Bretanha foi editada por Bautista (2013), a que recorremos aqui. O mesmo investigador apresenta algumas transcrições da matéria de França em Bautista (2016), mas infelizmente estas não incluem elementos pertinentes para este estudo. Uma edição integral deste manuscrito foi realizada no âmbito da tese de doutoramento de Vindel (ed., 2016).

século XV, chega-nos através do manuscrito da Academia das Ciências de Lisboa 1 Azul, ou *L*¹³, e representa o texto da dita reformulação de *circa* 1400, como nos indica o seu editor.

A nova redacção substituiu quase inteiramente a secção inicial da *Cr1344*, cuja estrutura expositiva não se compaginava com a disposição cronológica típica da escrita cronística, por um texto que proporciona uma exposição adequadamente linear das matérias tratadas. O reformulador de *circa* 1400 encontra na *Estoria de España (EE)* de Afonso X¹⁴ uma fonte que lhe permite simplificar a estrutura expositiva da versão original da *Cr1344*, e eliminando ou complementando diversas matérias com novos elementos. Este processo tocou profundamente a porção de matéria dedicada à história antiga, na qual se inclui a matéria troiana, que é tratada de forma muito distinta nas duas versões referidas, a de 1344 (representada em *M*) e a de 1400 (representada em *L*).

A partir destas considerações, podemos então partir com maior conhecimento de causa para a leitura das matérias antigas – mormente, da matéria troiana – na obra do Conde. Antes de o fazer, contudo, é importante assinalar que além das questões atinentes à transmissão manuscrita, deve ser tomada em linha de conta a problemática das fontes¹⁵. De facto, e sobretudo para a matéria antiga, foram identificadas algumas das fontes principais de D. Pedro, sendo que, como veremos, nem sempre é possível determinar com segurança de onde se extraiu a matéria apresentada¹⁶. Tendo em conta a densidade da questão, apenas gostaríamos de destacar o papel do *Libro de las Generaciones (LG)*¹⁷, versão castelhana do *Liber Regum*¹⁸ – sobretudo para os primeiros

¹³ Na edição crítica, Cintra (ed., 1951, pp. DXL-DXLIV) revela como estabelece o texto a partir de *L* corrigindo com outros testemunhos. Pedrosa, (ed., 2012), apresenta uma transcrição de *L* até ao fólio 113.

¹⁴ Ainda assim, esta versão da obra castelhana tende a abreviar muita da matéria antiga presente na *Estoria de España*, nomeadamente no que respeita a história dos impérios, o que poderá ter implicações ideológicas: «Verifica-se que nalguns pontos onde antes a *Estoria de Espanna* se expandia em amplificações e pormenores, a *Crónica de 1344* [versão 1400] vai usar a ferramenta retórica oposta, a *abbreviatio* que chega mesmo, por vezes, à omissão completa de passagens. Na história mais antiga, o ponto onde essa atividade «censória» é mais marcada será na narrativa da história Romana (...) que no texto português da segunda redação se encontra sobremaneira resumida pois esta crónica limita-se a manter alguns relatos (...) mencionados porque tiveram lugar em solo Peninsular, mesmo se entre estrangeiros, omitindo (...) a admiração [de Afonso X] por Júlio César e as alusões a sinais premonitórios ligados ao futuro do Império». Dias (1999, p. 157).

¹⁵ Para algumas das fontes do *LL*, ver Mattoso (1977, pp. 21-86). Na sua análise ao prólogo do nobiliário, também Ferreira (2012, pp. 93-122), reconsidera as fontes de D. Pedro.

¹⁶ Além dos estudos já desenvolvidos por Cintra (1950); (1951), Catalán (1962), e Catalán & Andrés (ed., 1971), também Miranda (2010a, pp. 53-80) e Moreira (2010, pp. 33-51) elencam as obras que estariam em circulação em Portugal antes da atividade historiográfica do Conde. Para o *Liber regum*, ver Miranda (2010b).

¹⁷ Já explorado por Catalán (1962) e apresentado em Catalán & Andrés (ed., 1971, pp. 218-337).

¹⁸ Serrano & Sanz (ed., 1919, pp. 192-220).

títulos do *LL*¹⁹ –, da *EE* – interessando aqui especialmente, como já foi indicado, o seu uso para a reformulação de 1400 da crónica –, e os *Cânones crónicos* de Eusébio e Jerónimo – que sustentam grandemente os elencos cronológicos do início da *Cr1344* na versão testemunhada por *M*²⁰. Também nesta versão da crónica há, ainda, um claro aproveitamento da *General Estoria* alfonsina para, pelo menos, a história de Hércules²¹. Deixaremos fora de consideração, porque não afetam a matéria clássica, outras obras como a *Crónica de Castela*²² ou a tradução da crónica árabe do século X composta por al-Rāzī, a chamada *Crónica do Mouro Rasis*²³. Com estas considerações em mente, e tomando todas as precauções no que respeita quer a transmissão textual, quer o uso de fontes, vejamos então o que surge sobre Troia na obra do Conde.

Troia no *Livro de Linhagens*

No título II do *LL*, após resumir a matéria bíblica, o conde de Barcelos apresenta a história pagã a partir de Troia, que desemboca em Roma e dará origem tanto aos imperadores germânicos, como ao rei Artur e aos reis francos. A fonte é o *LG*²⁴ e, de facto, o texto português segue com bastante fidelidade a sua fonte castelhana²⁵. Contudo, além uma pequena interpolação a propósito de outras fontes mais detalhadas

¹⁹ Já explorado desde Cintra (1950, pp. 27-40), e debatido na introdução à edição (Cintra, ed., 1951, vol. I). Veja-se também Catalán (1962, pp. 357-408). Ver ainda Bautista (2010) e Ferreira (2011). Sobre a matéria troiana no *LG*, ver Bautista (2016a, pp. 27-43).

²⁰ De facto, Catalán & Andrés (1971) assinalam sistematicamente os *Cânones* desde o início do manuscrito até ao elenco dos reis ibéricos a partir de Rodrigo (texto que surge após uma grande lacuna), com exceção para, precisamente, a listagem dos reis de Troia.

²¹ Conforme já intuíram Catalán & Andrés (ed., 1971, p. 17) e é amplamente justificado por Miranda (2015, pp. 209-224).

²² O tema, já inquirido quer por Cintra (1951), quer por Catalán (1962, pp. 305-306), foi alvo de investigação detalhada por Dias (2003); (2007) e (2016).

²³ Tanto Cintra (ed., 1951, pp. XXXI-XVIII) como Catalán & Andrés (ed., 1971, pp. LXII-LXVIII) assinalam a relação entre *Cr1344* e a *Crónica do Mouro Rasis*. Na edição a este último texto, Catalán *et al.* (ed., 1975, pp. XVII-XIX) volta a abordar a questão. Ver também Rei (2002); *idem* (2016, pp. 73-80); Gomes (2017, pp. 52-75).

²⁴ Embora Catalán & Andrés (ed., 1971, pp. 241-243) apresentem uma versão de *LG* para estabelecer a comparação entre este e *LL*, verifica-se que a versão utilizada pelos editores não é a mais próxima da que subjaz o texto português. De facto, em passagens como a descrição da destruição de Troia por Jasão ou nas titulações, encontramos divergências ausentes de outros testemunhos do *LG* por nós consultados. Na impossibilidade de aceder, em tempo útil, à edição de Ferrándiz (ed., 1968), consultámos o manuscrito BNE 1614, que apresenta lições muito mais próximas de *LL* e poderá ser uma versão semelhante à consultada pelos redatores do nobiliário. Citamos, no entanto, a edição de Catalán & Andrés (ed., 1971) sempre que esta não colide com o manuscrito.

²⁵ Não se trata, porém, de uma mera tradução, pois «O Conde de Barcelos revela-se um continuador extravagante do *Liber regum*, subordinando-o a objectivos que transcendem em muito uma intencionalidade política e contextual, e enquadrando os princípios estruturantes dessa sua fonte numa armadura ideológica que os formata e os transporta muito para além do espaço e do tempo de acção reais» (Ferreira, 2010).

sobre a guerra de Troia propriamente dita, a que nos referiremos de seguida, nota-se no *LL* a tendência para condensar e reorganizar a matéria²⁶, inclusivamente no que respeita às titulações²⁷.

Com efeito, o nobiliário apresenta como primeiro subtítulo do título II «De rei Dradanus, primeiro rei que pobrou a Troia e dos que apos ele assocederam», fundindo à sua sombra a matéria dos subtítulos de *LG* «De Troya» e «Del rrey Lenicadon». Pouco adiante, cria o subtítulo «D’El Rei Priamo e dos filhos que houve», cujo conteúdo corresponde, em *LG*, ao do final do subtítulo «Del rrey Lenicadon»²⁸. Segue-se o subtítulo «De Eneas», retomando assim a correspondência entre *LL* e *LG*.

Por outro lado, em momentos precisos, o *LL* acrescenta informação não proveniente da fonte principal²⁹. Após a destruição de Troia por Jasão, o *LG* descreve do seguinte modo a chegada de Páris à Grécia para raptar Helena:

Paris fo a Greçia e leuo xxii nabes e cccc^{os}caueros bien goarnidos. Auia vn temple en Greçia, e por aventura en aquel temple hera aplegada toda la gent de la tierra. E hera y vna dueyña que dezian Elena, que hera la mas gentil muger de la tierra et hera muller del rrey Menelaus, del hermano de Gamelon (Catalán & Andrés, ed., 1971, p. 242)³⁰.

O texto do Conde, por seu lado, apresenta mais detalhes:

E Paris foi a Grecia e levou XXII naos e duzentos cavaleiros e grandes gentes de pee, e assi veo a Grecia. E entom havia per ventuira que era i ajuntada toda a gente da terra *a ãa festa que i faziam*, e era i Elena, a molher de rei Menelaus, irmãa de Gamenom, que era a mais fremosa dona de toda a terra (Mattoso, ed., 1980, p. 73; sublinhado nosso).

Ao especificar que a destruição do templo, captura dos gregos e rapto de Helena subsequentes ocorre num momento da «festa que i faziam», o texto português sublinha

²⁶ É o caso da enumeração dos filhos de Príamo. O *LG* (ms. BNE 1614, fl. 10rI; Catalán & Andrés, ed., 1971, p. 241) começa por indicar que são quatro, mas o texto logo se contradiz. *LL* corrige este erro e acrescenta determinantes artigos e numerais ordenais antes do nome de cada um dos filhos do rei: «Ûu houve nome Eitor e outro Paris e o terceiro Troillos e o quarto Deifebus e o quinto Elenus» (Mattoso, 1980, p. 73). O testemunho editado por Ferrándiz (ed., 1968, p. 26) corrige tornando Heleno num conselheiro de Príamo.

²⁷ Mattoso (ed., 1980, pp. 73-75).

²⁸ O testemunho de *LG* utilizado por Catalán & Andrés (ed., 1971, p. 241) para estabelecer a comparação com *LL* inclui ainda um subtítulo, «De Priamo», que não surge nem em Ferrándiz (ed., 1968, pp. 26-28) nem no ms. 1614.

²⁹ Tendo em conta as considerações Ferreira (2010), acima citadas, sobre a utilização do *Liber Regum* por Pedro de Barcelos, esta estratégia compositiva não será de desprezar.

³⁰ Nesta passagem específica, a versão apresentada por Ferrándiz (ed., 1968), Catalán & Andrés (ed., 1971) e BNE1614, fl. 10rII, correspondem.

o pecado subjacente ao ato de retaliação troiano, manchado pelo ataque em período de tréguas e de culto religioso.

Finalmente, a passagem mais polémica desta secção encontra-se no relato da destruição de Troia e da fuga de Eneias. No *LG* pode ler-se:

e ouo y grandes faziendas fieras e muytas cauerias. A cauo de x ayños fo tomada³¹ la çienda por grant gent e por alezas de traytion que y fo feyta (Catalán & Andrés, ed., 1971, p. 243).

Em *LL*, que segue aqui com grande fidelidade a sua fonte, encontra-se:

e houve i grandes fazendas e mortas grandes cavalarias, *assi como fala na sa estorea*. E a cabo de dez annos, foi presa a cidade per gram arte e per grande engano de traiçom que i houve feita (Mattoso, ed., 1980, p. 73).

A referência a uma «estória» onde se poderiam recolher informações suplementares é o detalhe que mais tem intrigado os investigadores. Se Alfred Morel-Fatio sugerira que a «estória» poderia ser o texto latino de Guido delle Colonne³², a *Historia destructionis Trojae*³³, a crítica mais recente tende sobretudo a crer que se trataria de uma tradução para galego-português ou castelhano da obra de Benoît de Sainte-Maure³⁴. A partir das recentes propostas de José Carlos Miranda sobre o uso da *General Estoria* na *Cr1344*, não será também de descartar que a «estória» a que o Conde alude seja a secção troiana da obra alfonsina, quer como parte de um códice integral da II parte da *GE*, quer de forma mais autónoma mas associada à «estória unada» de Hércules³⁵.

³¹ Em BNE1614, fl. 10vII: fo p'sa. Excetuando esta divergência, as duas versões são, nesta passagem, idênticas.

³² Embora não descarte que também pudesse ser uma versão em vulgar. Morel-Fatio (1875, p. 84), *apud* García Martín (1998, p. 44).

³³ Trata-se na verdade de uma versão latina, completada em 1287, do *roman* de Benoît de Sainte-Maure, posteriormente traduzida para diversas línguas europeias, de entre as quais o castelhano e catalão. Ver Griffin (ed., 1936) e Brun (ed., 2019).

³⁴ Luís Krus sugere que seria difícil que D. Pedro «não conhecesse uma mais desenvolvida narrativa sobre a guerra de Troia, a qual poderia coincidir com alguma das mencionadas traduções de Bento de Sainte-Maure que circulavam por Castela, Galiza, ou, mesmo, Portugal: com efeito, ao referir o cerco final da urbe, Pedro Afonso, numa passagem que não consta do *Livro das Gerações* remete, consciente das lacunas da sua fonte, para a *estorea...*» (Krus, 1994, p. 144, n. 308). O debate em torno de qual seria a «estória» referida é apresentado com detalhe por García Martín (1998, pp. 43-45).

³⁵ A propósito da estratégia redacional alfonsina, Fernández-Ordóñez (1992, p. 32) assinala que «Con el fin de poder exponer de forma comprensible fechos complejos de excepcional importancia, rescatándolos así de entre la multitud de acontecimientos simultáneos, los redactores alfonsíes inventaron las estorias uñadas, unidades narrativas autónomas que, superando la fragmentación analística, concentran en un punto histórico todo el saber vinculado a un suceso o a un personaje para realzar estructuralmente su relevancia». Embora produzidas com as obras historiográficas onde se inserem em mente, estas «estórias unadas» terão sido redigidas de forma independente (ver sobretudo *idem*, 1992, p. 88). A propósito da *Historia Troyana* de Pedro I, Pichel-Gotérrez (2017, pp. 211-212) propõe

Troia na *Crónica de 1344*

Tendo em conta a profusão de matéria troiana que surge numa obra eminentemente genealógica, surpreende a sua escassez numa crónica. De facto, em ambas as versões da *Cr1344* (representadas por *M* e por *L*), a destruição da cidade frígia é praticamente omitida, dando-se muito mais destaque aos feitos de heróis gregos que tiveram grande influência em Espanha – como é o caso de Hércules – ou às linhagens régias europeias que reivindicavam uma origem troiana.

Em *M* verifica-se com clareza a estrutura circular que caracteriza a narração historiográfica de D. Pedro³⁶, expondo-se primeiramente uma visão panorâmica sobre o tema para, a seu tempo, retomar o assunto em detalhe num contexto mais conveniente. Entre os capítulos sobre história universal que iniciam a obra, encontramos apenas um brevíssimo – sobretudo se comparado com os capítulos que o rodeiam – apontamento troiano no capítulo XV:

De los rreyes de Frigida, que despues llamaron Troya. Agora queremos contar de los rreyes de Frigida, que despues llamaron Troya. El primo que començo a rreinar en Troya avia nombre Friges. E despues deste reino. E despues deste rreino Darno. E despues deste rreyno Darno. E despues deste rreyno Troz. E despues deste reino Dardano el segundo. E despues deste reino Laomendon. E despues deste reino Priamo. Aqui se acabaron los rreyes de Troya (Catalan & Andrés, ed., 1971, p. 20)³⁷.

As recentes propostas sobre a matéria ligada à pré-história da Hispânia, e muito particularmente à figura de Hércules³⁸, que preencheria a lacuna material do antígrafo de *M* que se deteta no fólho 10v desse manuscrito³⁹, levam a pôr a hipóteses de que nessa lacuna houvesse também referência a feitos troianos. De facto, se para o caso do grego Hércules «esse pequeno segmento textual está incluído numa sequência onde predomina a enumeração, tendo o propósito de antecipar uma narrativa que deveria surgir mais adiante – na espira seguinte, segundo cremos –, estabelecendo, assim, uma ligação entre esse primeiro nível enumerativo e o nível que se lhe deverá seguir», existindo «infelizmente uma lacuna nesse segundo nível (que nos priva) de saber qual o

que a fonte da obra petrística não seria directamente a *GE* mas antes «un proyecto coetáneo y complementario al propósito historiográfico y enciclopédico del Sabio, esto es, el perdido *Libro de Troya*, que transmitiría de manera autónoma e historiada una de las grandes «estorias unadas» integradas en la *General estoria* del Sabio». A existência deste *Livro de Troya* «autónomo e historiado» foi advogada por Rodríguez Porto (2012).

³⁶ Ferreira (2016).

³⁷ Tal como indicado em nota anterior, Catalán & Andrés (ed., 1971, p. 20) não conseguiram encontrar a fonte para a breve passagem dedicada aos reis troianos.

³⁸ Como sugere a frase que encerra o excurso sobre Hércules: «e este Ercules vivio çinquenta e dos años anssi commo adelante oyredes» (Catalán & Andrés, ed., 1971, p. 18)

³⁹ Ver sobre este assunto Ferreira (2016), Miranda (2015), Miranda & Ferreira (2015).

conteúdo»⁴⁰, então não será de descartar que constassem aí outros episódios situados num nível expositivo correspondente à mesma espira, como é o caso da história de Troia e de Roma. A ausência em *M* de um relato minimamente detalhado sobre a destruição de Troia e a sobrevivência de alguns dos descendentes de Príamo – Eneias ou Bruto – torna a introdução das matérias arturiana e carolíngia mais desligadas da sua fundamentação genealógica. Assim, dada a importância da matéria em causa, é surpreendente que, já na porção da crónica correspondente à última espira da exposição histórica, num episódio que não foi retido pela reformulação de c. 1400, após narrar a vida e morte de Artur, se mencione simplesmente que:

Aqui se acaba el linaje de los reyes de la Gran Bretaña que venieron de los reyes que fueron de Troya: primeramente del rey Ardanus que la poblo e del rey Priamo e de sus hijos, e de Bruto que poblo a Bretaña e de los que deçendieron e de Uterpadregon e del rey Artur de Bretaña su fijo, e de Costantin de Roma que fue primero quel rey Artur de Bretaña de grandes tienpos, e de Tavdelent fasta Cavadres. (Bautista, 2013, f. 192v).

Do mesmo modo, também volta a mencionar rapidamente, no capítulo seguinte, a ascendência dos reis de saxões, de onde se destaca, especialmente, Eduardo o Confessor:

despues de la muerte del rey Charles Maynes fueron estos de poco aca [*sic*] fueron estos que vienen de aquel linaje primero del rey Priamo e de Brutos e este rey que dezimos que acordamos que fuese primero de aquel tienpo aca fue Aduarte, e fue del linaje de los primeros reyes que venian del rey Priamo de Troya e del rey Brutos el que poblo a Bretaña. (Bautista, 2013, fl. 193r).

Também ao enunciar a linhagem dos Merovíngios, de onde descende Carlos Magno, se recorda a origem troiana, sem, contudo, haver mais detalhes sobre a sua história: «Ovo un rey en Francia que ovo nombre Moreveus e fue del linaje del rey Príamo de Troya»⁴¹.

Será, então, de considerar que haveria na *Cr1344* mais informação sobre a destruição da cidade oriental, apesar de, ao contrário do que acontece com Hércules, não haver qualquer tipo de remissão interna para uma narrativa mais longa?

Na versão reformulada de 1400, são ainda mais escassas as referências a Troia. Em primeiro lugar porque os capítulos que, na versão *M*, expõem elementos da história arturiana e carolíngia são omitidos⁴². Em segundo lugar, os capítulos iniciais da obra, onde se enumeram os impérios desde a criação, de entre os quais Troia, são substituídos

⁴⁰ Miranda (2015, p. 210).

⁴¹ Vindel (2016, p. 550). Esta passagem já não foi incluída na transcrição de Bautista, 2013.

⁴² A propósito do conhecimento de matéria arturiana por D. Pedro, veja-se Miranda (2013) e (2016, pp. 2013-2014); e Bautista (2013).

pelo texto da *Estória de Espanha*. No entanto, a substituição de texto efetuada não parece ser completamente avessa às sensibilidades do Conde⁴³. Na realidade, e sobretudo para a história do herói grego e mítico fundador de Espanha, a versão de 1400 interpola a própria *EE* com o que já estaria presente no original da crónica:

Mas o refundidor [de 1400] não abandonou inteiramente a matéria constante da Cr1344. Quando é narrada a intervenção de Hércules no espaço peninsular, detectam-se interpolações de apreciável dimensão e sem fonte conhecida, cuja proveniência se afigura ser a primitiva e abandonada crónica. Mesmo sabendo que estamos perante um texto inseguro, resultante da iniciativa de alguém que recusou o que fora escrito nesse ponto por iniciativa de Pedro de Barcelos, tais interpolações afinam de tal modo pelo que subsiste ainda da *Cr1344*, que cremos ser muito provável que provenham efectivamente desse primitivo texto (Miranda, 2015, p. 219)

Se na substituição da redação original por uma versão da história transmitida por *EE*⁴⁴ se verifica o cuidado de integrar alguns elementos prévios, tornando o texto reformulado mais compatível com o seu ponto de partida, talvez seja importante também considerar à luz desta sensibilidade a própria seleção de materiais. Na realidade, tal como ocorre em *M*, as alusões a Tróia não deixam de ser esparsas, e em momento algum se detalha qualquer aspeto sobre a guerra e destruição de Tróia.

No quarto capítulo da versão refundida, ao estabelecer as origens de todos os impérios, obtemos a informação de que de «Trogorma⁴⁵ veheron os Figianos e poseron nome aa terra que pobraron Frigia»⁴⁶. Mais adiante, a propósito da história dos fundadores da Alemanha, diz-se «despois que Troya foy destroida, sairon dhi dous irmãaos: hũu avia nome Priamo e o outro, Antono»⁴⁷. Finalmente, aquando da referência a Inglaterra, diz-se que «Bretanha pobrou Bruto que foy do linhagen dos de Troya»⁴⁸. Muito mais destaque terá, nos capítulos seguintes, um dos destruidores de Tróia, Hércules. Com efeito, no capítulo V, recorda-se que foi o herói grego quem

destroyu Troya da primeira vez, ca elle foy o que primeiro entrou em ella per força e despois entrou aa batalha onde estava el rey Leomedon cõ sua gente e mathouho per sua mão, per que foy destroida Troya (Cintra, ed., 1951, p. 18).

⁴³ O refundidor tem, aliás, o cuidado de preservar alguns elementos de carácter narrativo que eram específicos da *Crónica de 1344*, entre os quais o texto da chamada *Crónica do Mouro Rasis*.

⁴⁴ No entanto, as diferentes redações da *EE* não divergem significativamente no que respeita as narrativas chamadas à colação. Veja-se Ward (ed., 2016).

⁴⁵ Neto de Jafet, o filho de Noé que herda a Europa.

⁴⁶ Cintra (ed., 1951, p. 12).

⁴⁷ *Ibidem*.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 13.

Sucedem-se os feitos de Hércules e dos seus descendentes, nomeadamente de Espan, seu sobrinho: deste, diz-se que «morreu XX ãnos despois que Troya foy destroyda da segunda vez»⁴⁹. Durante o relato das aventuras de Hércules pela península, recorda-se a fundação mítica de Lisboa, também esta relacionada com a guerra de Troia:

E dizem algũus que este logar foy pobrado despois que Troya foy destroyda a segunda vez e que a começou de pobrar hũu neto de Ulixes que avya esse meesmo nome Ulixes como o avoo (Cintra, ed., 1951, p. 22).

No capítulo XII, voltamos a encontrar a cidade frígia, num episódio que revela o orgulho e insensatez dos seus habitantes perante Rotas. Vimos a saber que este Rotas, rei que viera do Oriente, se instala «ẽ meo da Espanha mais que nem hũu outro» (Cintra, ed., 1951: 36), onde viria ser fundada Toledo. Rotas, no entanto, não deixa de ser um herói fundador, uma vez que domestica um dragão, vem a casar com a filha de um senhor da terra, Tarcos, e são os seus filhos os primeiros a construir as torres da cidade. Ao relatar a busca do rei por Sabedoria, diz-se que Rotas:

...chegou em Troya ante que fosse destroyda da prymeira vez. E vyo hi fazer grandes labores e muy nobres e começou de riir. E os que o assy viron riir pregontarõno por que riia. E elle lhes disse:

– Se os desta cidade soubessem o que lhes ha de acontecer cedo, nõ faryam tantos edifficios em ella.

E elles tomarõno e levarõno ante el rey Leomedon e elle preguntoulhe por que dissera aquellas pallavras. E Rotas disse que por dizer verdade, ca todas aquellas gentes avyam de passar per espada e os edificios per fogo. E, quando os Troyãaos ouvyrãno o que dizia, quyserõno matar. E el rey nõ quis, ca teve que ho dizia cõ sandice, pero mandouho meter ẽ ferros por veer se seeryã verdade e mandou que o guardassen. E elle, temendosse da morte, soube fazer cousa com que adormecerom os que o guardava. E desy britou os ferros e foysses» (Cintra, ed., 1951, p. 35).

Sobre a soberba troiana, cabe indicar a interpretação de Luís Krus a propósito da visão sobre Troia apresentada no nobiliário do Conde:

Neste mundo de aventura marítima, apresentado como partilhado por diversos senhores locais aliados entre si por laços familiares e de entre-ajuda guerreira, Tróia identifica a emergência de um território monárquico e dinástico em busca de hegemonia regional. O texto insiste, através de apontamentos sobre a toponímia da cidade, na estreita ligação existente entre a urbe e o poder dos seus reis (...) [nomeadamente] a fortaleza que, refeita por Príamo, o último dos senhores de Tróia, simbolizava a arrogância militar dos seus monarcas (Krus, 1994, pp. 144-145).

São também pertinentes as observações de José Carlos Miranda sobre a história de Hércules nas duas versões da *Cr1344*:

⁴⁹ *Ibidem*, p. 34.

Não sabemos como Pedro de Barcelos desenvolveu a narrativa nem verdadeiramente que dimensão lhe conferiu. Mas alguns aspectos presentes no relato da *Ref.1400* estão em tal consonância com a estratégia definida na *Cr1344* que dela poderão certamente provir. Entre esses aspectos, avulta a atribuição de um carácter fundador e libertador a Hércules que terá como consequência imediata uma consideração francamente negativa do seu principal oponente (Miranda, 2015, p. 220).

A manifestação de soberba que encontramos na história de Rotas tal como é apresentada na versão 1400 da *Cr1344* – e que, de resto, surge sem grande diferença na *EE* – em nada é incompatível com o que sobre Troia se diz quer no testemunho *M* da crónica de Pedro de Barcelos, quer no seu nobiliário. Podemos considerar, assim, que a visão negativa de Troia é compatível com o projeto historiográfico de D. Pedro. Se assim fosse, não haveria interesse, por parte do Conde, em dar mais destaque na sua obra ao relato da queda de Troia, o que pode levar a pensar que não constaria mais matéria troiana entre os fólios perdidos da versão da *Crónica de 1344* testemunhada pelo manuscrito *M*.

Conclusões

Tecer conclusões sobre textos de transmissão tão complexa não só é extremamente difícil como apresenta alguns perigos. Temos que ter em conta, em primeiro lugar, os terrenos pantanosos em que nos movemos quando tentamos avaliar os critérios de seleção de fontes subjacentes à redação de uma obra e as suas implicações no texto transmitido. No entanto, cremos que após uma reflexão adequadamente fundamentada sobre os dados apresentados, alguns elementos sobressaem.

Em primeiro lugar, será importante considerar a forma como os dois vetores da obra historiográfica do Conde se articulam entre si para compreender as presenças e ausências da história de Troia nos seus textos. Não deixa de ser notória a diferença entre o *LL* e a *Cr1344* no que respeita à explicação sobre a última queda da cidade. Ainda que sem pormenores que certamente constariam da «estória» a que alude, a narrativa que surge no *LL* apresenta os traços gerais que levaram ao conflito e à derrota troiana. Pelo contrário, estes estão ausentes em ambas as versões da *Cr1344*, provocando, como acima se referiu, uma desconexão entre a destruição de Troia e as matérias narrativas que se alimentam precisamente deste episódio fundacional, como a história dos reis britânicos ou franceses. Tal estratégia parece chocar com a ideia de que,

avaliando a crónica no seu conjunto, estamos perante uma construção que aponta para uma história universal, ou antes, para um esquema que pretende entender o poder imperial ou régio numa perspetiva global, antes de lançar raízes na terra peninsular, que é o objeto privilegiado da sua abordagem (Miranda & Ferreira, 2015, p. 40).

De facto, como compreender que uma crónica de pendor universal praticamente omite a história de Troia? Cremos que os autores citados acima oferecem algumas pistas. Por um lado, recordando que «a *Crónica de 1344* (...) utiliza ou os materiais já compulsados no *Livro de Linhagens* ou este mesmo livro genealógico» (Miranda e Ferreira, 2015: 26), não será de desprezar que, de facto, houvesse pelo menos o reconhecimento da matéria troiana apresentada no *LL* por trás da redação da *Cr1344*. Por outro lado, e talvez mais relevantemente, assinalando que a obra do Conde poderá ter sido considerada como um tríptico⁵⁰, tornando a leitura de cada uma das suas manifestações indissociável das outras⁵¹ – ou seja, permitindo que um texto colmate as lacunas (intencionais) de outro. Neste sentido, Troia poderá representar, no *LL*, símbolo da soberba monárquica que visa a centralização do poder num império que atropela os laços senhoriais e o respeito pelas funções sociais e governativas de reis e nobres⁵². Já na *Cr1344*, Troia é sobretudo o império que antagoniza os heróis gregos que fundam a Espanha, servindo de espelho inverso das suas virtudes. O leitor da *Cr1344* estará provavelmente informado pela visão transmitida pelo *LL*.

Em segundo lugar, o Conde reconhece que é Troia que sustenta as reivindicações de legitimidade de diversos reinos europeus. É verdade que os seus objetivos historiográficos se centram na península, mas por diversas vezes nos deparamos com excursos significativos, como a matéria arturiana ou carolíngia, que à partida não estão intimamente relacionados com a história ibérica, mas se relacionam genealógicamente com as dinastias reais da Espanha. Tal poderá explicar-se porque, tanto para o *LL* como para a sua fonte, o *LG*,

esta matéria [de Bretanha], amplamente divulgada na península, fornecia um relato do passado ocidental alternativo e mais favorável à realeza e nobreza hispânicas que ocupavam na tradição da *translatio imperii* um lugar perfeitamente secundário (Carreto, 1999, p. 134).

Neste sentido, se Troia é um império que fracassa pelo atropelo que os seus governantes fazem aos laços senhoriais, também é aquele que origina alternativas ao

⁵⁰ A obra do Conde abarcava, além da vertente historiográfica, a compilação trovadoresca designada por *Livro das Cantigas*.

⁵¹ «Vista desta forma, a *Crónica de 1344* corresponde ao elo final da obra do Conde, um homem que, de trovador e partícipe na sociedade do amor, se transforma no preservador das memórias dessa sociedade através da compilação dos testemunhos da sua atividade poético-musical; que, mais adiante, no intuito de fixar para a posteridade as linhagens constituintes da cerrada malha da sociedade cuja origem remonta à Vedra Lei, concebe um livro genealógico estruturalmente diverso de todos os intentos anteriores neste domínio; e que, finalmente, se acerca, na crónica, dos detentores do poder numa lógica em muito afim à do *Livro de Linhagens*, para fixar a história geral daquelas instituições de poder que existem porque os homens, desde os primeiros tempos, não souberam manter entre si “amor e amizade”» (Miranda & Ferreira, 2015, p. 41)

⁵² Krus (1994, pp. 143-146).

principal império que dele brota, Roma, redimindo-se então pelos seus descendentes mais longínquos – nomeadamente, os bretões. Compreender-se-á, assim, a inclusão – mesmo que superficial – de matéria troiana na obra de D. Pedro: esta, ainda que marcada pelo seu fracasso em corresponder aos ideais políticos do Conde, é a génese de modelos alternativos que favorecem, como bem assinala Carlos Carreto, uma nobreza e realza periférica em relação ao poder imperial, por definição centralizado – quer em Troia, quer em Roma. Assim, ao referir a génese com parcimónia, exalta-se o ponto de chegada – como o mundo arturiano que, apesar das suas falhas, se organiza muito mais em conformidade com o ideal governativo de D. Pedro.

Num outro plano, a matéria de Troia exemplifica perfeitamente o conhecimento e manuseamento de fontes pelo conde de Barcelos. Se considerarmos que, para a história de Hércules, se recorreu à 2ª parte da *GE*, então é muito provável que D. Pedro conhecesse outras passagens dessa secção da magna obra alfonsina. Há que ter em conta que

a Estoria de Troya propiamente dicha, la incluida en el *Libro de Juizes* (caps. 437-621) de la segunda parte de la *General Estoria*, (...) se trata de una de las grandes historias unadas o cumplidas del escritorio alfonsí, análoga a la *Estoria de Ércoles* precedente (caps. 393-435) o a la *Estoria de Tebas* (caps. 218-318). (Pichel Gotérrez, 2016, p. 167).

Não parece então infundamentado admitir que a «estorea» para que se remete no *LL* seria a longa e detalhada «Estoria de Troia» presente na 2ª parte da *GE*. Conhecendo por essa via a matéria troiana, Pedro de Barcelos poderá ter decidido afastar-se dos *Cânones* de Eusébio e Jerónimo⁵³, optando por fazer, ele próprio, um brevíssimo apanhado cronológico sobre Troia no capítulo XV da sua *Cr1344* (versão testemunhada por *M*)⁵⁴. Tal estratégia revela a abordagem que o conde faz dos materiais de que dispõe.

Reconhecida, citada, a matéria de Troia é manobrada por D. Pedro de forma a coadunar-se com a sua visão da História – do passado e sobretudo do seu tempo. Ainda que seja a origem de reinos cuja estrutura governativa está muito mais em conformidade com o ideário do conde, Troia é o império que se opõe aos gregos, e principalmente o império enfrentado por Hércules. Talvez por isso Troia tenha sido condenada por D. Pedro a existir sobretudo à sombra do mítico fundador da Espanha.

⁵³ Os cânones indicam a causa da destruição de Troia, omitida por Pedro de Barcelos na *Cr1344*: «Alexander rapuit Helenam: et Trojanum bellum decennale surrexit. Causa belli malum, quod trium mulierum de pulchritudine certantium praemium fuit, una earum Helenam pastori judici pollicente.» (MPL, 27, pp. 317-318).

⁵⁴ «De los rreyes de Frigida, que despues llamaron Troya...», citado acima.

Bibliografia

Manuscritos e edições:

- Casas Rigall, Juan (ed., 2014), *Libro de Alexandre*, Madrid, Real Academia Española.
- Catalán, Diego & Maria Soledad Andrés (ed., 1971), *Edición crítica del texto español de la Crónica de 1344 que ordenó el Conde de Barcelos don Pedro Alfonso*, Madrid, Gredos.
- Catalán, Diego & Maria Soledad Andrés, Margarita Estarellas (ed., 1975), *Crónica del moro Rasis: versión del Aḥbār Mulūk al-'Andalus*, Madrid, Gredos.
- Cintra, Luís Lindley (ed., 1951-1990), *Crónica Geral de Espanha de 1344*, Lisboa, Academia Portuguesa de História/Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Constans, Léopold (ed., 1904), *Benoît de Sainte-Maure, Le Roman de Troie*, Paris, Librairie de Firmin Didot.
- Ferrándiz Martínez, Josefa (ed., 1968), *Libro de las generaciones*, Valencia, Anubar.
- Ferreira, Maria do Rosário (ed., 2015), *De Afonso X a Afonso XI. Edição e estudo do texto castelhano dos reinados finais da 2ª redacção da Crónica de 1344*. Paris, SEMH-Sorbonne — CLEA (EA 4083) SEMH-Sorbonne — CLEA (EA 4083) (*Les Livres d'e-Spania* « Travaux en cours », 3). Disponível em <https://journals.openedition.org/e-spanialivres/698> [consultado a 31/07/2019]
- Griffin, Nathaniel Edward (ed., 1936), *Guido de Columnis, Historia destructionis Troiae*, (Medieval Academy Books, 26), Cambridge, Ed. N. E. Griffin.
- Libro de las Generaciones*, Biblioteca Nacional de España, ms. 1614, s. XIV. Reprodução disponível em <http://bdh.bne.es/bnearch/detalle/bdh0000121591>, [consultado a 20/07/2019].
- Lorenzo, Ramón (ed., 1985), *Crónica Troiana*, Corunha, Fundación Pedro Barrié.
- Lorenzo, Ramón (1982), «Correccións á edición da Historia Troyana de Parker», *Verba. Anuario Galego de Filoloxía*, 9, pp. 253-290.
- Lorenzo, Ramón & Xosé Luís Couceiro (1999), «Correccións á edición da General Estoria de Ramón Martínez López», in Álvarez, R., Vilavedra, D. (coord.), *Cinguidos por unha arela común. Homenaxe ó profesor Xesús Alonso Montero*, vol. I, Santiago de Compostela, Universidade, pp. 595-627; e in Couceiro, Xosé Luís et al. (coord.), *Homenaxe ó profesor Camilo Flores*, vol. II, Santiago de Compostela, Universidade, pp. 209-233.
- Martínez López, Ramón (ed., 1963), *General Estoria. Versión gallega del siglo XIV. Ms. O. i. I. del Escorial*, (*Publicaciones de Archivum*), Oviedo, Universidad de Oviedo, Facultad de Filosofía y Letras.
- Mattoso, José (ed., 1980), *Portugaliae Monumenta Historica, Nova Série, vol. II: Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, Lisboa, Academia de Ciências de Lisboa.
- Migne, Jacques-Paul (ed., 1844-1855), «Eusebii Pamphili Canon Chronicus – Interprete S. Hieronymo», in *Patrologia Latina*, 27, Paris.

- Pedrosa, Marta (2012), *Reconstituição do ms. L da Crónica Geral de Espanha de 1344*, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa [relatório de mestrado].
- Parker, Kelvin (ed., 1975), *Historia Troyana*, Santiago de Compostela, CSIC/Instituto P. Sarmiento de Estudios Gallegos.
- Pichel Gótiérrez, Ricardo (2013), *A “Historia Troiana” (BMP ms. 558). Edición e estudo histórico-filolóxico*, Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela [tese de doutoramento].
- Vindel Pérez, Ingrid (ed., 2016), *Crónica de 1344. Edición y estudio*, Barcelona, Universidad Autónoma de Barcelona [tese de doutoramento].
- Ward, Aengus (ed., 2016), *Estoria de Espanna Digital*, transcrições e correções por Fiona Maguire, Enrique Jerez Cabrero, Ricardo Pichel Gotérrez, Polly Duxfield, Christian Kusi Obodum, Marine Poirier, Aengus Ward, Bárbara Bordalejo, Nick Leonard, Avellana Ross, Silvia Yusta Fernández, v.1.0. Birmingham, University of Birmingham. URL: <https://blog.bham.ac.uk/estoriadigital/>, [consultado a 31/07/2019].

Estudos:

- Arizaleta, Amaia (1999), «La translation d’Alexandre. Recherches sur les structures et les significations du *Libro de Alexandre*», *Cahiers d’Études Hispaniques Médiévales*, Annexe 12.
- Bautista, Francisco (2010), «Original, versiones e influencia del *Liber regum*: estudio textual y propuesta de *stemma*», *e-Spania* [En ligne], 9. Disponível em <http://journals.openedition.org/e-spania/19884>, [consultado a 31/07/2019].
- Bautista, Francisco (2013), «Genealogías de la materia de Bretaña: del *Liber regum* navarro a Pedro de Barcelos (c. 1200-1350)», *e-Spania* [En ligne], 16. Disponível em <http://journals.openedition.org/e-spania/22632>, [consultado a 31/07/2019].
- Bautista, Francisco (2016), «Historia y circulación de noticias en la primera mitad del siglo XIV: las casas reales de Aragón y Francia en la *Crónica de 1344*», *e-Spania* [En ligne], 25. Disponível em <http://journals.openedition.org/e-spania/26177>, [consultado a 31/07/2019].
- Bautista, Francisco (2016a), «El “Libro de las generaciones y linajes de los reyes” (o “*Liber regum*”) y la materia de Troya», *Troianalexandrina. Anuario sobre literatura medieval de materia clásica*, 16, pp. 27-43.
- Brun, Laurent (2019), «Guido delle Colonne», *Archives de littérature du Moyen Âge* (ARLIMA). Actualizado a 16/06/2019. URL: <https://arlima.net/no/1295>, [consultado a 31/07/2019].
- Carreto, Carlos Clamote (1999), «O imaginário genealógico-linguístico da nobreza portuguesa de trezentos. Uma poética da Diferença», *Discursos. Língua, Cultura e Sociedade*, Série 3, nº 1, pp. 129-152.
- Catalán, Diego (1962), *De Alfonso X al Conde de Barcelos*, Madrid, Gredos.

- Cintra Luis Filipe Lindley (1950), «Uma tradução galego-portuguesa desconhecida do Liber Regum», *Bulletin Hispanique*, 52, nº 1-2, pp. 27-40.
- Dias, Isabel de Barros (1999), «Cantares de Unificação e de Partição», *Discursos. Língua, Cultura e Sociedade*, Série 3, nº 1, pp. 153-163.
- Dias, Isabel de Barros (2003), *Metamorfoses de Babel. A Historiografia Ibérica (sécs. XIII-XIV): Construções e Estratégias Textuais*, Lisboa, FCG/FCT-MCES.
- Dias, Isabel de Barros (2007), «A cronística afonsina modelada em português: um caso de recepção activa», *Hispania. Revista Española de História*, 67, pp. 899-928.
- Dias, Isabel de Barros (2016), «Tráfico de modelos narrativos entre a *Crónica de Castela* e a *Crónica de 1344*: evidências, possibilidades e questões», *e-Spania* [En ligne], 25. Disponível em <http://journals.openedition.org/e-spania/25855>, [consultado a 31/07/2019].
- Ferreira, Maria do Rosário (2010), «O *Liber regum* e a representação aristocrática da Espanha na obra do Conde D. Pedro de Barcelos», *e-Spania* [En ligne], 9. Disponível em <http://journals.openedition.org/e-spania/19675>, [consultado a 31/07/2019].
- Ferreira, Maria do Rosário (2011), «A estratégia genealógica de D. Pedro, Conde de Barcelos, e as refundições do *Livro de Linhagens*», *e-Spania* [En ligne], 11. Disponível em <http://journals.openedition.org/e-spania/20273>, [consultado a 31/07/2019].
- Ferreira, Maria do Rosário (2012), «Amor e amizade entre os nobres fidalgos da Espanha». Apontamentos sobre o prólogo do *Livro de Linhagens* do Conde D. Pedro», *Cahiers d'études hispaniques médiévales*, vol. 35, nº 1, pp. 93-122.
- Ferreira, Maria do Rosário (2015), «Apresentação» in Maria do Rosário Ferreira (dir.), *De Afonso X a Afonso XI*, Paris, SEMH-Sorbonne — CLEA (EA 4083) (*Les Livres d'e-Spania* «Travaux en cours», 3), 2015, disponível em <http://journals.openedition.org/e-spanialivres/785> [consultado a 31/07/2019]
- Ferreira, Maria do Rosário (2016), «Pedro de Barcelos e Fibonacci: da forma como mediação (sobre a estrutura original da *Crónica de 1344*)», *Guarecer. Revista Electrónica de Estudos Medievais*, nº 1, pp. 17-32. Disponível em <http://ojs.letras.up.pt/index.php/gua/article/view/3839/5722>, [consultado a 31/07/2019].
- García Martín, Ana Maria (1998), *Coronica Troiana em Limguoajem Purtugesa. Edición y estudio*, Salamanca, Luso-Española de Ediciones.
- Gaullier-Baugassas, Catherine (2014), *La fascination pour Alexandre le Grand dans les littératures européennes (Xe-XVIe siècle). Réinventions d'un mythe*, Turnhout, Brepols.
- Gomes, Maria Joana (2017), «From Aḥmad ibn Muḥammad ibn Mūsa al-Rāzī to Mouro Rasis: Translation and Cultural Dialogue in Medieval Iberia», *Philological Encounters*, vol. 2, 1-2, pp. 52-75.
- Krus, Luís (1994), *A concepção nobiliárquica do espaço ibérico (1280-1380)*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

- Mattoso, José (1977), «As fontes do nobiliário do Conde D. Pedro», in *A historiografia portuguesa anterior a Herculano. Actas do Colóquio*, Lisboa, Academia Portuguesa de História, pp. 21-86.
- Miranda, José Carlos Ribeiro (2010a), «Historiografia e genealogia na cultura portuguesa anterior ao Conde D. Pedro de Barcelos», in Ferreira, Maria Rosário (coord.), *Cadernos de Literatura Medieval - CLP: o contexto hispânico da historiografia portuguesa nos séculos XIII e XIV*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 53-80.
- Miranda, José Carlos Ribeiro (2010b), «Do Liber Regum em Portugal antes de 1340», e-Spania [En ligne], 9. Disponível em <http://e-spania.revues.org/19315>, consultado a [31/07/2019].
- Miranda, José Carlos Ribeiro (2013), «Lancelot e a recepção do romance arturiano em Portugal», e-Spania [En ligne] 16. Disponível em <http://journals.openedition.org/e-spania/22778>, [consultado a 31/07/2019].
- Miranda, José Carlos Ribeiro (2015), «A Crónica de 1344 e a General Estoria: Hércules e a Fundação da Monarquia Ibérica», in Haro Cortés, Marta (coord.), *Literatura y ficción: "estorias", aventuras y poesía en la Edad Media*, vol. 1, Valencia, Universidad de Valencia, pp. 209-224.
- Miranda, José Carlos Ribeiro & Maria do Rosário Ferreira (2015), «O projeto de escrita de Pedro de Barcelos», *População e Sociedade - CEPSE*, 23, pp. 25-43. Disponível em <https://www.cepese.pt/portal/pt/publicacoes/obras/populacao-e-sociedade-n-o-23/o-projeto-de-escrita-de-pedro-de-barcelos>, [consultado a 31/07/2019].
- Moreira, Filipe Alves (2010), «A historiografia régia portuguesa anterior ao Conde de Barcelos» in Ferreira, Maria Rosário (coord.), *Cadernos de Literatura Medieval - CLP: o contexto hispânico da historiografia portuguesa nos séculos XIII e XIV*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 33-51.
- Moreira, Filipe Alves & Arthur L. F. Askins (2015), «A Crónica de 1344 para além de Pedro de Barcelos: perspetivas recentes e novidades», *eHumanista*, 31, pp. 64-79.
- Morel-Fatio, Alfred (1875), «Recherches sur le texte et les sources du *Libro de Alexandre*», *Romania*, IV, pp. 7-90.
- Pichel Gotérrez, Ricardo (2012), «Tradición, (re)traducción e reformulación na *General Estoria* e na *Estoria de Troya* afonsinas á luz dun testemuño indirecto do séc. XIV», e-Spania [En ligne], 13 Disponível em <http://journals.openedition.org/e-spania/21124>, [consultado a 31/07/2019].
- Pichel Gotérrez, Ricardo (2016), «La eclosión de la materia clásica en las letras peninsulares bajomedievales. Compilaciones troyanas no autónomas», *Scriptura* 23/24/25, pp. 155-176.
- Pichel Gotérrez, Ricardo (2017), «La *Historia Troyana* de Pedro I y Su Proyección En La Galicia Atlantista» *La corónica: A Journal of Medieval Hispanic Languages, Literatures, and Cultures*, 45, nº 2, pp. 209-240. Disponível em <https://muse.jhu.edu/article/669505#b54>, [consultado a 31/07/2019].

- Rei, António (2002), *Memórias de Espaços e Espaços de Memória - de al-Râzi a D. Pedro de Barcelos*, Lisboa, FCSH-UNL [Dissertação de Mestrado].
- Rei, António (2016), «A memória do al-Andalus 'âmiri na Crónica do Mouro Rasis e na Crónica Geral de Espanha de 1344», *Arqueologia Medieval*, 13, pp. 73-80.
- Rodriguez Porto, Rosa (2012), *Thesaurum. La Crónica Troyana de Alfonso XI (Escorial h.l.6) y los libros iluminados de la monarquía castellana (1284–1369)*, 2 vols., Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela [Tesis doctoral inédita].